

**Discurso de Posse**  
**Lindolfo Fernandes de Castro**  
**12 de dezembro de 2012**

Senhor secretário-adjunto de Fazenda, Pedro Meneguetti, por meio do qual cumprimento os demais componentes da mesa, colegas fiscais, amigos e familiares, boa noite.

É com grande alegria que estou aqui novamente, conduzido pela quarta vez ao cargo de presidente do **SINDIFISCO-MG**, uma posição que me enche de orgulho e torna ainda maior a responsabilidade de representar a valorosa categoria dos Auditores Fiscais da Receita Estadual de Minas Gerais.

Nós, da Ação Sindical, saímos satisfeitos da campanha eleitoral, certos de que contribuímos para o debate político, discutindo as principais lutas da categoria fiscal. Na campanha eleitoral, fizemos uma retrospectiva histórica de como encontramos o Sindicato, o que fizemos (os resultados) e o que pretendemos nesta nova gestão. Discutimos com a categoria, de forma autêntica e franca, os nossos problemas e as nossas ideias para resolvê-los.

Discutimos a importância de nos organizarmos em sindicato. E não há indicador sindical melhor do que o trabalho, a luta e os resultados alcançados.

Hoje, a grande crise do Sindicato é a crise de participação. Não adianta unir pseudo-lideranças, precisamos e queremos é união com a base, com quem luta. E, para vencer essa questão, procuramos ser criativos. Fomos para as ruas, para os parlamentos; fizemos parcerias com entidades sindicais e movimentos sociais, com os servidores públicos, com os trabalhadores; produzimos trabalhos técnicos e conseguimos repercussão na mídia. E, assim, mais uma vez vencemos e estamos aqui, para mais dois anos de lutas e desafios.

Como Sindicato Cidadão, também discutimos os problemas sociais que afetam a maioria da população, trazendo à tona questões importantes como a justiça fiscal, abordada na campanha do imposto justo, os problemas crônicos da educação nesse País, evidenciados na greve de 112 dias dos professores mineiros. Essa questão, inclusive, foi um dos grandes objetos de debate nessa campanha, lamentavelmente conduzido por alguns de forma pobre. Mas nos mantivemos firmes em nossa postura de apoio, afinal, se arrecada tributo para quê?

Peço licença, aqui, para fazer um aparte. É que eu gostaria de aproveitar a oportunidade para expressar o meu agradecimento à diretora do Sind-UTE,

professora Beatriz Cerqueira, aqui presente, que sempre apoiou nossa luta e chegou a gravar um depoimento desejando sucesso aos auditores fiscais nas negociações com o governo. Companheira Beatriz, em nome da categoria fiscal, muito obrigada. Nós também admiramos seu trabalho sério e obstinado na defesa dos trabalhadores da educação. Conte sempre com nosso apoio.

Como sempre afirmei, as duas grandes paixões da minha vida são a minha família e a luta da classe trabalhadora. Com a minha esposa e companheira Celinha já estou endividado, porque foram vários pedidos e ultimatos de que essa seria a última vez em que eu disputaria uma eleição para o **SINDIFISCO-MG**. Mas ela, no fundo, entende que a luta sindical faz parte da minha vida e que essas coisas se misturam.

Quanto aos meus filhos, Lucas e Matheus, sempre cito nos meus discursos de posse algumas de suas ações, que refletem como eles vêem a profissão do pai, suas lutas, atividades sindicais e sociais. Nada melhor para avaliar as nossas ações do que a sinceridade de nossos filhos. Não é com falas e retóricas que damos exemplo para os nossos filhos, é com as nossas ações, a nossa prática, os nossos gestos.

Em um discurso anterior, eu li um poema feito na escola pelo Matheus, em seu álbum de família, com trechos politizados que me deixaram muito orgulhoso. Começava assim:

“O meu pai se chama Lindolfo, trabalha como fiscal e sindicalista. É baixo, tem cabelos grisalhos, é engraçado, divertido e generoso, pois pensa nos outros. Ele tem o seu ídolo, o Che Guevara. Quando está fazendo movimentos, protestos, passeatas, se sente como o Che Guevara.”

Agora, recentemente, é o Lucas quem tenho citado em falas e discursos nas repartições e lugares por onde eu ando. Perguntado pelo seu padrinho, que também é Auditor Fiscal, o que ele iria escolher como profissão, ele respondeu: “vou ser fiscal igual ao meu pai, fazer a minha ‘Gepinha’ e pronto!” Gepinha (Gepi), para quem não é Auditor Fiscal, é uma gratificação criada em 1975, que representa uma parcela importante da nossa remuneração, que às vezes é mãe, às vezes é madrasta, mas adoramos.

Quero lhe dizer, meu filho, que, por um lado, eu fico feliz em saber que você quer exercer a mesma profissão de seu pai, a qual eu tenho o maior orgulho de exercer. Por outro lado, é importante esclarecer que ser servidor público não é só exercer as nossas tarefas de trabalho no dia a dia, é preciso mais, é preciso ter consciência do que o nosso trabalho representa para a sociedade. E ser auditor fiscal não é só combater a sonegação, arrecadar e

cobrar impostos, é trabalhar para promover a justiça fiscal e social. Temos de usar as nossas informações a serviço da sociedade.

Tenho 26 anos nessa função, dos quais mais de 20 anos militando no movimento sindical, sempre lutando para resgatar direitos e avançar nas reivindicações. Para isso, é preciso ir além, é preciso trabalhar, dialogar com a sociedade, parlamentares, governo e movimentos sociais, é preciso lutar constantemente pela melhoria dos serviços públicos, pelas causas coletivas da população. Para conciliar tudo isso, é preciso ter grande capacidade de organização e isso se faz com muita luta, diuturnamente.

Para uma categoria ser respeitada é preciso conjugar, no mínimo, três fatores: o produto do seu trabalho ser forte – e no nosso caso isso significa ação fiscal eficaz e tributo forte –, reconhecimento pela sociedade da importância da nossa função e capacidade de organização. É nesse sentido que vimos trabalhando.

Não é fácil ser sindicalista e auditor fiscal em um País com um sistema tributário injusto e um modelo econômico perverso, de transferência de renda do trabalho para o capital financeiro, esse modelo de Estado do “Robin Hood às avessas”, que retira dinheiro dos pobres para dar aos ricos, embora reconheçamos que houve avanços na distribuição de renda.

Em Minas Gerais, como ocorre em outras esferas de governo no Brasil, temos uma receita injusta e concentrada em poucos setores econômicos. Mesmo havendo possibilidade de expansão do mercado interno e os fundamentos da economia brasileira sendo diferentes, não estaremos imunes aos efeitos da crise econômica mundial. Num sistema capitalista, qualquer economia que queira crescer depende da competitividade e do mercado externo. Como tal, a economia brasileira e a economia mineira dependem das exportações. Entre os principais itens da pauta exportação estão os produtos primários, denominados commodities, que, apesar de não serem praticamente tributados, afetam diretamente a economia e, conseqüentemente, como ocorreu em 2009, a renda, o emprego e a receita tributária mineira serão afetados.

Nesse contexto de crise, destaca-se a importância do trabalho do Auditor Fiscal da Receita Estadual no combate a sonegação, no aumento e/ou manutenção da arrecadação do Estado. E sabemos que, nessas épocas de crise, sempre enfrentamos a intolerância de alguns, por isso são necessárias as garantias e prerrogativas para o exercício da nossa função.

Voltando para as questões do Sindicato, é importante lembrar que a nossa gestão foi bastante profícua, com ampla atuação. Trabalhamos na base, nas ruas, na Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, no Congresso

Nacional. Praticamos o diálogo com o governo com independência, sem abrir mão da nossa capacidade de luta, com duras negociações, conseguindo avanços significativos, apesar de haver muito ainda a avançar.

Assim, almejamos uma fiscalização sem as amarras de legislação – que não contribuem em nada para melhorar a atividade fiscal –, para efetivamente ampliar o combate à sonegação, com autonomia funcional, administrativa e orçamentária, sem a interferência do poder político e econômico. Esse objetivo não é fácil, mas deve ser perseguido sempre.

É preciso também uma remuneração mais segura e sem fosso salarial, não podendo haver uma diferença de mais de 30% entre a remuneração inicial e final do Auditor Fiscal. O cargo comissionado não pode ser outra carreira, com diferenças remuneratórias tão grandes.

Lutamos por um piso compatível com a nossa função, uma carreira valorizada, uma remuneração segura, uma aposentadoria digna. Enfim, temos ainda muito a avançar em nossas justas reivindicações. A luta continua!

Agradeço a todos que contribuíram para a nossa empreitada, para as conquistas da nossa gestão: os diretores, os colegas, os familiares, os funcionários do Sindicato, os parceiros.

Reafirmo que o Sindicato é local de luta. É com esse espírito que comemoramos, hoje, os 21 anos do **SINDIFISCO-MG**. Uma longa trajetória marcada pela defesa dos direitos dos Auditores Fiscais mineiros e dos interesses da sociedade. É isso que torna o nosso Sindicato uma entidade respeitada nacionalmente. Não teríamos chegado até aqui se tivéssemos abdicado da nossa postura crítica, combativa e independente. Esta conquista é de todos nós; vamos celebrar juntos! Viva a democracia e a luta da classe trabalhadora!